

A identidade e o imaginário da mulher na mídia: análise discursiva da matéria *Ser Mulher é*

*The identity and imaginary of women in the media:
discursive analysis of the article Being a Woman is*

JENNIFER AZEVEDO BARRETO

Mestranda em Estudos de Linguísticos: linguagem,
identidade e práticas sociais (PPGL-UFS)
E-mail: jenniferazevedobarreto@gmail.com

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a construção da identidade e do imaginário femininos na mídia, considerando a influência dos discursos nesse processo. A relevância do tema reside na necessidade de compreender como diferentes ideologias contribuem para a formação da identidade feminina. As representações da mulher na mídia têm evoluído com o surgimento de ideologias que desafiam os padrões impostos por uma sociedade patriarcal e machista. Utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa, com análise do texto *Ser mulher é*, de João Castellano, publicado no site da Revista Planeta, como *corpus* analítico. Cinco sequências discursivas foram selecionadas dentre as 30 disponíveis na matéria. Por meio da Análise de Discurso, procurou-se evidenciar o processo de construção da identidade e do imaginário presentes nos discursos. Observou-se em algumas sequências a reprodução da identidade feminina conforme os preceitos da ideologia machista e patriarcal, que perpetuam a imagem da mulher como “bela, recatada, passiva, submissa e do lar”. Em contrapartida, outras sequências discursivas revelaram a representação da mulher como livre e independente, rompendo com as barreiras do medo e da opressão.

Palavras-chave: mulher; Análise do Discurso; imaginário; identidade.

Abstract: The aim of this study is to analyze the construction of female identity and imagery in the media, considering the influence of discourses in this process. The relevance of the topic lies in the need to understand how different ideologies contribute to the formation of female identity. Representations of women in the media have evolved with the emergence of ideologies that challenge the standards imposed by a patriarchal and sexist society. A qualitative methodological approach was used, with analysis of the text “Being a woman is” by João Castellano, published on the Revista Planeta website, as the analytical corpus. Five discursive sequences were selected from the 30 available in the article. Through Discourse Analysis, the aim was to highlight the process of constructing identity and imagery present in the discourses. It was observed in some sequences the reproduction of female identity according to the precepts of the macho and patriarchal ideology, which perpetuate the image of women as “beautiful, modest, passive, submissive, and domestic”. On the other hand, other discursive sequences revealed the representation of women as free and independent, breaking down the barriers of fear and oppression.

Keywords: woman; Discourse Analysis; imagery; identity.

1 INTRODUÇÃO

As manifestações em prol dos direitos das mulheres e as conquistas alcançadas por elas são consideradas eventos históricos e discursivos de significativa importância. Os discursos e representações sobre a feminilidade foram durante muito tempo influenciados pelas normas impostas por uma sociedade permeada pelo patriarcado e pelo machismo. Conforme observado por Beauvoir ([1949]/2009), o papel da mulher é moldado por padrões estabelecidos por estruturas sociais, não sendo determinado unicamente por características biológicas, mas sim por ideologias predominantes em determinados grupos. Com o progresso da condição feminina, percebe-se a circulação de tanto novos quanto antigos discursos na esfera pública e na mídia, os quais materializam ideologias que contribuem para a formação do imaginário coletivo e da identidade feminina.

Conforme salientado por Gregolin (2008), a mídia desempenha um papel fundamental na disseminação de discursos que influenciam na construção e reconstrução das identidades individuais e coletivas. É por meio desses discursos que as identidades dos sujeitos são moldadas, reconfiguradas ou adaptadas. Nesse contexto, é possível identificar tanto a resistência de ideologias conservadoras quanto o surgimento de novas ideias, as quais contribuem para o processo de construção da identidade da mulher.

De acordo com a perspectiva da Análise do Discurso, a identidade é concebida como sendo de natureza discursiva, uma vez que ela é forjada a partir dos discursos produzidos nas interações sociais. Seguindo a abordagem proposta por Gregolin, torna-se crucial na análise do discurso a compreensão dos significados gerados nos textos veiculados pela mídia. Dessa maneira, é possível perceber o papel desses discursos na promoção das disputas sociais pela construção e reconstrução das identidades individuais e coletivas (Gregolin, 2008).

A partir do discurso, são delineados modelos de comportamento, linguagem e posicionamentos ideológicos. Conforme observado por Gregolin (2008), os discursos veiculados pela mídia não se limitam à mera reprodução de modelos preexistentes; eles também os reconstróem, reformatam e propõem novas identidades. Assim, as formações discursivas, entrelaçadas com as formações ideológicas, desempenham um papel crucial na modelagem e construção das identidades dos sujeitos.

Segundo Lima (2019, p. 46), tanto o pertencimento quanto a identidade são conceitos fluidos, sujeitos a negociações e constantes transformações, moldados pelas decisões tomadas pelos indivíduos. Em outras palavras, a identidade não é estática; ela se adapta, se molda e se reinventa em diferentes contextos. Por exemplo, uma menina que foi ensinada desde a infância a ser submissa, frágil e dócil pode moldar sua identidade ao longo da adolescência ou da vida adulta, tornando-se uma mulher forte e independente.

A Revista Planeta, reconhecida por abordar temas sociais, educativos e diversos assuntos relevantes, inclui em sua seção uma matéria intitulada *Ser mulher é*, publicada em julho de 2016 em seu site. Esta seção foi escolhida com o propósito de explorar os posicionamentos ideológicos, bem como as formações imaginárias e identitárias das representações sobre a mulher na sociedade e na mídia, oferecendo uma visão autêntica

do ponto de vista feminino. Nesse contexto, foram selecionadas cinco sequências discursivas entre as trinta disponíveis nas entrevistas realizadas para a referida matéria.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

Conforme enfatizado por Pêcheux ([1969]/1997), o discurso é intrinsecamente vinculado às condições de produção nas quais é enunciado, levando em consideração fatores como historicidade, contexto sociocultural, ideologia e o interlocutor para a elaboração dos enunciados em determinados contextos.

A ideologia, por sua vez, é caracterizada pela sua heterogeneidade, visto que abrange uma multiplicidade de conjuntos de ideias. Segundo Pêcheux (1980 *apud* Indursky, 2007, p. 87-88), “Uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela existe apenas sob a modalidade da divisão, e só se realiza na contradição que organiza a unidade e a luta dos contrários”. Em outras palavras, cada grupo social possui sua própria maneira de conceber e impor suas visões sobre o que deve ser aceito e comunicado, resultando na existência de múltiplas ideologias na sociedade.

Na perspectiva da Análise do Discurso, as formações imaginárias referem-se às representações mentais que os sujeitos constroem sobre si mesmos e sobre os outros. Essas imagens projetadas são influenciadas pela história e pela sociedade, sendo moldadas por contextos sociais e históricos específicos.

O discurso, por sua vez, é proferido levando em consideração as condições de produção que o circundam. Isso implica considerar o sujeito enunciador, a situação comunicativa, as normas sociais que regem o que é permitido e o que deve ser dito no discurso, além de incorporar os contextos sócio-histórico e ideológico na produção discursiva. Nas palavras de Orlandi,

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros (1999, p. 39).

Na Análise de Discurso, o objetivo não é buscar um sentido verdadeiro, mas sim compreender o sentido real presente na materialidade linguística e histórica do discurso. Sob essa perspectiva, o analista de discurso busca investigar como os sentidos são produzidos nos objetos simbólicos, sempre questionando as evidências apresentadas. Conforme destacado por Orlandi (1999, p. 26):

[...] a Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como uma parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto.

Como analistas de discurso, nosso objetivo é compreender o funcionamento do discurso, considerando as posições ideológicas que o permeiam. Como salientado por Tfouni e Grigoletto (2020), ao lidar com discursos midiáticos, uma das responsabilidades do pesquisador em Análise de Discurso é investigar a ideologia e as posições ideológicas que constituem os discursos.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Nos processos culturais, históricos e políticos, ocorrem atribuições de características e a construção de modelos que definem o que torna um sujeito mulher na mídia e na sociedade. Na antiguidade, as mulheres eram socialmente designadas à função exclusiva de cuidar dos filhos, do marido e da casa, uma atribuição enraizada na cultura e tradição sociais da época. A filosofia de Rousseau (1762 *apud* Souza, 2015) explicita e defende a ideia de que as mulheres devem ser ensinadas a ser submissas aos homens, sendo consideradas inferiores e restritas aos afazeres domésticos.

O machismo e o patriarcalismo ainda persistem em nossa sociedade devido à replicação dos discursos que sustentam essas ideologias ao longo do tempo. Sob a influência da ideologia machista e patriarcal, perpetua-se a visão de que o homem é superior à mulher, justificando a dominação masculina sobre o corpo e o destino feminino. Conseqüentemente, os indivíduos na sociedade são interpelados como sujeitos discursivos impregnados de ideologias machistas e patriarcais, o que molda seus discursos e contribui para a construção do imaginário e da identidade das mulheres como seres submissos e restritos à obediência aos homens e aos cuidados do lar.

Novos paradigmas sobre o que significa ser mulher surgiram, desafiando o modelo tradicional estabelecido pela religião e pela perspectiva masculina. Nesse contexto, a ideologia feminista emergiu, construindo uma identidade e um imaginário para a mulher que rejeita a submissão à figura masculina, busca independência profissional e financeira, tem o poder de decidir sobre a maternidade e possui controle sobre seu próprio corpo e destino.

Na sociedade e na mídia, observamos dois modelos distintos: um baseado em ideologias conservadoras e outro impulsionado pelo feminismo. No entanto, também é possível identificar modelos híbridos, nos quais coexistem características tanto machistas quanto feministas. Esses modelos moldam a constituição do sujeito e estabelecem padrões do que deve ser considerado como a norma.

A seguir, apresentaremos nossa análise, iniciando com a descrição da Situação de Discurso (SD), seguida de nossas considerações sobre ela.

Quadro 1: Situação de Discurso 1 (SD1) - Equilíbrio constante

“Ser mulher é lidar o tempo todo com linhas tênues. É a tentativa diária de se equilibrar entre a independência e a intimidação. É quase nunca saber se a abordagem de um homem tem algum interesse além daquele que ele diz ter. É ter sua competência medida na relação (des)proporcional de sua aparência física. É acelerar o passo numa rua escura e pouco movimentada, mas, ainda assim, ter vontade de explorar a noite, as ruas, as curvas. É ter de ouvir os homens dizendo como você deve se sentir, vestir e agir. Mas é, ao mesmo tempo, dizer não a isso e saber que só cada uma sabe o que se passa dentro de si” (Mariana Queiroz Barboza, repórter de Internacional de *IstoÉ*).

Fonte: Revista Planeta, 2016.

É observada uma variedade e dualidade nas formações discursivas, refletindo tanto as ideologias feminista quanto machista. Além disso, evidencia-se uma identificação e contraidentificação do sujeito com a ideologia feminista. Nesse contexto, rememoramos o conteúdo teórico previamente discutido, onde delineamos duas modalidades distintas. Na primeira modalidade, denominada identificação, ocorre uma sobreposição do sujeito enunciador com o sujeito universal, resultando em um completo assujeitamento. Na segunda modalidade, o sujeito do discurso emite críticas à formação discursiva em que está inserido, contudo, sem renunciar completamente a ela.

O sujeito discursivo da SD1 demonstra uma identificação com a ideologia feminista ao afirmar que ser mulher é sinônimo de ter independência. Tal conceito de independência figura como um dos pilares fundamentais da ideologia feminista, advogando pela autonomia da mulher em relação ao homem, especialmente no que tange à independência financeira e profissional, desafiando, assim, os preceitos machistas. Portanto, na SD1, é perceptível o embate entre o imaginário e os discursos do feminismo em contraposição ao imaginário e às declarações da sociedade patriarcalista.

Na SD1, identificamos uma contraidentificação quando o sujeito discursivo menciona a necessidade de equilibrar a independência e a intimidação, evidenciando assim uma submissão à intimidação presente no discurso machista, mas sem renunciar à formação discursiva da ideologia feminista à qual está associado. Essa postura sugere a criação de um indivíduo capaz de reconciliar os dois movimentos: por um lado, o feminismo, que combate o machismo e busca direitos iguais entre os sexos; por outro lado, o machismo, que procura retratar a mulher como frágil, incapaz e submissa ao homem. Essas ideias machistas estão arraigadas na sociedade desde tempos remotos, especialmente com a disseminação do texto bíblico e a crença na origem da mulher a partir da costela do homem — um conceito conhecido como o efeito Adão, que fundamenta os pensamentos machistas.

Ao abordar a busca pela independência, o sujeito discursivo expressa uma posição claramente alinhada ao discurso feminista. Além disso, no trecho em que menciona a necessidade de resistir aos homens que tentam ditar como a mulher deve sentir, vestir e agir, percebemos uma posição que reflete a identificação com o discurso feminista. Nesse contexto, o sujeito enfatiza que as mulheres podem ser confrontadas com discursos machistas, mas isso não implica em sua submissão a tais discursos; pelo contrário, sugere-se que elas devem rejeitá-los. Isso reflete a ideia de que as mulheres têm o direito de determinar suas próprias regras e não devem ser subjugadas pelos

homens. Portanto, as respostas à pergunta “o que é ser mulher?” deveriam ser formuladas pelas próprias mulheres, pois os homens não conseguem sequer definir a si mesmos, muito menos opinar sobre o sexo oposto.

Os discursos e os imaginários sobre a mulher construídos a partir de uma ideologia machista impõem uma série de expectativas, incluindo submissão, obediência e conivência com as intimidações por parte dos homens. Conforme observado por Federici (2019), no final do século XVI, as mulheres eram punidas por qualquer sinal de independência ou pela recusa em se submeter à autoridade masculina, considerada superior. No século XXI, apesar dos avanços nas conquistas das mulheres na sociedade, ainda é evidente a persistência de punições e intimidações contra aquelas que desafiam a submissão aos homens ou que questionam o modelo patriarcal tradicional.

É cada vez mais frequente testemunhar mulheres enfrentando diversos tipos de preconceito e intimidação por parte de homens que aderem aos princípios machistas e patriarcais. Isso é caracterizado como masculinidade tóxica, que se manifesta através do encorajamento à violência e ao abuso sexual contra as mulheres, além da desvalorização da figura feminina. Nesse contexto, na SD1, quando o sujeito menciona que ser mulher é “ter a competência medida pela aparência física” e “acelerar o passo numa rua escura e pouco movimentada”, evidencia-se o repúdio e o medo das práticas associadas à masculinidade tóxica, que perpetuam a violência e a discriminação contra as mulheres.

Portanto, os termos “independência” e “intimidação”, presentes no enunciado sobre o significado de ser mulher, evocam a memória de um discurso machista e patriarcal, assim como a sugestão implícita de um discurso não expresso que permeia o equilíbrio entre independência e intimidação. Podemos concluir que na SD1 há uma divisão do sujeito entre a identificação com o discurso feminista e a submissão ao discurso machista, resultando em uma fusão na construção da identidade e do imaginário feminino. Nesse sentido, esses elementos adquirem características dos modelos impostos por ambas as ideologias, influenciando assim a percepção do que significa ser mulher.

Quadro 2: Situação de Discurso 2 (SD2) - Força selvagem

“Ser mulher é entender que dentro de mim habita uma força que habita em todas as fêmeas, uma força selvagem que nos foi tirada ao longo dos milênios para nos domesticar e sermos moldadas conforme nos impõem a cultura e a religião da sociedade patriarcal. É lutar contra o machismo, pela livre escolha e poder da mulher sob o seu corpo, por ser reconhecida pelos talentos, pelo fim da ditadura da beleza e da rivalidade entre mulheres, pela igualdade de gênero, pelo simples sair na rua sem ter medo de que seu espaço e seu corpo sejam invadidos. Ser mulher pra mim é lutar” (Kareen Sayuri, diretora de arte de *Menu*).

Fonte: Revista Planeta, 2016.

Analisando a SD2, é oportuno recordar o contexto histórico da caça às bruxas e o imaginário social que moldava a figura da mulher sob o domínio da sociedade patriarcal. Durante esse período, as mulheres que buscavam independência e desafiavam as normas estabelecidas pela religião ou pelo homem eram frequentemente rotuladas como demônios ou bruxas. Conforme observado por Federici (2017, p. 222), “uma das estratégias utilizadas pelos líderes religiosos foi insinuar que mulheres

excessivamente independentes, que desobedeciam aos seus maridos, eram agentes do demônio”.

Considerando as condições de produção específicas, é evidente que a SD2 recorre à memória discursiva e ao acontecimento histórico da caça às bruxas para ilustrar o processo de luta das mulheres por seus direitos. As mulheres rotuladas como bruxas eram vistas como seres selvagens por desafiarem as normas sociais e religiosas baseadas em princípios patriarcais, defendendo sua liberdade e autonomia. Como resultado, ocorreu a perseguição às bruxas, com o objetivo de reprimir a ideologia por elas defendida e de intimidar as mulheres que desafiavam a autoridade masculina e os preceitos religiosos que as subjugavam à total submissão ao marido. Segundo Federici,

[...] a caça às bruxas instituiu um regime de terror contra todas as mulheres, do qual emergiu um novo modelo de feminilidade a que as mulheres tiveram de se conformar para serem socialmente aceitas durante desenvolvimento da sociedade capitalista: a feminilidade assexuada, obediente, submissa, resignada à subordinação ao mundo masculino, aceitando como natural o confinamento a uma esfera de atividades que foram completamente depreciadas no capitalismo (2019, p. 79).

No discurso, é destacado que ao longo dos milênios as mulheres foram privadas de uma força selvagem, subjugadas para se conformarem aos padrões impostos pela cultura e religião da sociedade patriarcal. A luta feminina, portanto, consiste em desafiar o machismo e reivindicar o direito à livre escolha e controle sobre seus corpos. Essa narrativa sugere que as mulheres, para serem socialmente aceitas, foram compelidas a renunciar à sua natureza combativa contra os preceitos patriarcais. Contudo, através das ideologias feministas, elas encontraram o ímpeto para enfrentar o machismo e preservar essa força interior, garantindo o direito de serem quem desejam ser.

Nesse contexto, na SD2, observamos que a posição assumida pelo sujeito do discurso está alinhada à identificação com o discurso feminista. A mulher é concebida como detentora de uma força selvagem, contrapondo-se à imagem tradicional de fragilidade e submissão. Ao buscar a liberdade e expressar seu poder, ela desafia ativamente o machismo e rejeita as imposições patriarcais.

Quadro 3: Situação de Discurso 3 (SD3) - Direito de escolha

“Definir o que é ser mulher passa inevitavelmente pela ideia de construção histórica e social do feminino. Depende do tempo, do lugar, do contexto. Se em 1930 havia mulheres que iam pras ruas brigar pelo direito ao voto, outras cuidavam da casa e esperavam o marido voltar do trabalho. Se em 1960 havia quem exigisse o direito de tomar a pílula, havia também quem se casava virgem. Se nos anos 2000 há quem lute contra o machismo gritando, mostrando os seios e manchando o corpo de tinta vermelha, há quem prefira ser ‘bela, recatada e do lar’. Todas, e muitas outras, são mulheres. O importante é que o papel a ser ocupado por cada uma de nós possa ser uma escolha livre e consciente, e não uma obrigação. Meu tempo, meu lugar e meu contexto me permitiram ser uma mulher que luta pelo direito de fazermos essa escolha” (Camila Brandalise, repórter de *IstoÉ*).

Fonte: Revista Planeta, 2016.

Na sequência discursiva mencionada, identificamos a coexistência de dois modelos de imaginário que moldam a figura feminina. O primeiro modelo é fundamentado na ideologia conservadora, que prescreve que a mulher deve ser “bela, recatada e do lar”. Nesse paradigma, a mulher é retratada como submissa ao homem e confinada ao papel de cuidadora do lar, dos filhos e do marido. Por outro lado, o segundo modelo, embasado na ideologia feminista, contrasta com o anterior, apresentando a mulher como uma combatente do machismo, em busca de liberdade, autonomia e igualdade, com o direito de escolher ser mãe ou não e, acima de tudo, recusando-se a ser submissa ao homem.

A definição do que é ser mulher é influenciada pela construção histórica e social, evoluindo ao longo do tempo com a emergência e predominância de novos modelos na sociedade, enquanto os antigos continuam a ser perpetuados. Na SD1, observamos uma dicotomia entre a busca pela independência e a adesão ao mundo machista, enquanto na SD3 surge a questão da ilusão do direito de escolha. Nesse contexto, questiona-se se o sujeito realmente possui autonomia de escolha ou se é subjugado por uma ideologia preexistente. Dessa forma, é sugerido que o sujeito pode ter a ilusão de possuir livre arbítrio, enquanto, de forma inconsciente, é influenciado pela ideologia conservadora ou feminista.

Segundo Rassi (2012, p. 45), a Análise do Discurso considera o acontecimento histórico como um recorte de fatos ou sequências de eventos que ocorrem em um determinado tempo e espaço. Nessa perspectiva, os acontecimentos históricos compreendem as diversas lutas das mulheres ao longo da história, desde o movimento pelo direito ao voto na década de 1930 até a luta contra o machismo no século XXI. Esses eventos desencadearam manifestações discursivas que deram origem a novos discursos, permeados por diferentes ideologias e imaginários sobre o papel da mulher na sociedade e na mídia.

Quando o sujeito menciona que “há quem lute contra o machismo gritando, mostrando os seios e manchando o corpo de tinta vermelha”, evoca-se a imagem da Marcha das Vadias, um protesto feminista que visa promover a autonomia das mulheres sobre seus corpos e combater a violência decorrente do patriarcado e do machismo. Durante esses protestos, as mulheres pintam seus corpos de vermelho, simbolizando o sangue e destacando a violência de gênero. A nudez e a tinta vermelha confrontam as representações tradicionais do corpo feminino e da sexualidade. Dessa forma, o corpo nu e pintado torna-se uma forma de expressão política, uma arma simbólica e discursiva para defender os princípios do feminismo.

Ao considerarmos os significantes “bela, recatada e do lar”, podemos observar a recuperação de momentos históricos no discurso, resultando na construção da imagem de uma mulher ideal conforme os preceitos conservadores. Na SD3, identificamos elementos do discurso machista influenciados pela retórica religiosa, sugerindo que a mulher pode optar por ser submissa, bela, recatada e dedicada ao lar. Essa descrição reflete uma valorização da beleza, da modéstia e do papel tradicional da mulher como zeladora da família e do lar, conforme os ditames patriarcais e religiosos.

Portanto, a partir da SD3, podemos inferir que ao longo dos anos, desde 1930 até épocas subsequentes, não houve uma uniformidade, mas sim uma heterogeneidade

na definição do que significa ser mulher. No discurso, o sujeito expressa sua identificação com os princípios feministas. No entanto, também sugere que as mulheres podem optar por continuar seguindo os padrões educacionais patriarcais, o que apresenta uma ilusão de livre escolha para as mulheres em aderir ou não ao movimento feminista.

Quadro 4: Situação de Discurso 4 (SD4) - Prevenção de riscos

“Ser mulher é... Planejar o dia pensando em qual roupa vestir, qual meio de transporte usar e por quais ruas você irá passar, para prever todos os riscos, do assédio ao estupro e, se acontecer alguma dessas agressões, ficar calada para não sofrer um revide ainda pior, porque ser mulher (ser considerada uma ‘boa’ mulher) é sinônimo de ser passiva” (Gabriela Araújo, repórter de *IstoÉ Online*).

Fonte: Revista Planeta, 2016.

Em uma sociedade permeada por princípios patriarcais e machistas arraigados, as mulheres são socializadas para obedecerem à autoridade masculina e suportarem em silêncio qualquer forma de abuso ou violência, muitas vezes sendo responsabilizadas por sua própria vitimização. Elas vivenciam o temor de não serem acreditadas, já que, conforme a ideologia predominante na sociedade, é comum que o homem seja automaticamente favorecido e respaldado.

Na SD4, destaca-se que “ser considerada uma boa mulher é sinônimo de ser passiva”, refletindo a norma cultural que as meninas são incutidas desde tenra idade, instruídas a adotarem características de fragilidade e a viverem sob a dominação masculina. Nas palavras de Simone de Beauvoir,

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa sorte do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si [...]. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e o seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia (2009, p. 375).

Nesta sequência discursiva, o sujeito discursivo expressa o receio em relação às práticas associadas à masculinidade tóxica, refletindo a ideia internalizada do machismo de que ser uma boa mulher é ser passiva. Esses conceitos de inferioridade e passividade são construções sociais disseminadas pela ideologia conservadora.

Devido à influência da cultura e dos ensinamentos patriarcais, muitas mulheres que sofrem abusos físicos e emocionais tendem a se retrair por sentirem vergonha ou medo. Na sociedade, quando uma mulher se torna vítima de agressão, é comum ouvir frases como “a culpa é da mulher”, “a culpa é sua”, “você provocou”, “aceite em silêncio”, revelando uma manipulação e inversão da percepção de culpabilidade e vitimização, decorrente da prevalência da dominação masculina e das ideologias machistas e patriarcais.

Não fosse pela disseminação e replicação dos discursos feministas na sociedade, muitas mulheres não teriam a coragem de denunciar as violências que enfrentam. A sororidade feminina proporciona apoio e solidariedade às mulheres vítimas de violência, permitindo que se apoiem mutuamente para enfrentar os desafios e desfazer a inversão dos papéis de culpado e vítima. Assim, por meio do movimento feminista, o agressor não consegue ocupar o lugar de vítima na violência contra a mulher.

Dessa forma, percebemos que, na SD4, é apresentada a construção da identidade e do imaginário da mulher obrigada a aceitar e a se submeter a renúncias e submissões à figura masculina para que não seja tão violentada. Assim, foi constatado que o sujeito enunciador se identifica e representa que a mulher deve seguir o que é proclamado pelo machismo para prevenir a vida dela.

Quadro 5: Situação de Discurso 5 (SD5) - Toda mulher já ouviu isso

“Feche as pernas. Sente-se direito. Não fale alto. Tire os cotovelos da mesa. Seja boazinha. Seja paciente. Não seja muito simpática. Não seja chata. Controle seus impulsos. Você provocou. Não saia sozinha. Não viaje sozinha. A culpa é sua. Não seja muito magra. Não seja muito gorda. Não use roupa curta. Não saia de cara lavada. Não use muita maquiagem. Você provocou. Não seja muito extrovertida. Não tenha amigos homens. Não se ofenda com brincadeiras. Não leia muito. Não questione. Não fale tudo o que pensa. Não fique deprimida. A culpa é sua. Trabalhe. Seja independente. Não seja muito independente. Não seja egoísta. Namore. Case. Tenha filhos. Não tenha muitos filhos. A responsabilidade é sua. Cozinhe. Limpe. Lave. Passe. Cuide de tudo e de todos. Agente firme. Pague as contas. Não reclame. Ignore a TPM. Engula o choro. Agradeça. Sorria e acene. Diga sempre que está tudo bem. Ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista ainda é viver com medo e sob pressão”
(Geovana Pagel, editora de *IstoÉ Dinheiro Online*).

Fonte: Revista Planeta, 2016.

Nesta SD, observa-se a reprodução de ditos que refletem os discursos sobre o comportamento e a conduta ideal da mulher, conforme ensinado e propagado na sociedade com base em uma cultura e ideologia patriarcais. Na década de 50, o *Jornal das Moças* ilustra esse padrão ao instruir as mulheres sobre vestimenta e comportamento para garantir um casamento e manter a moralidade social. As mulheres eram educadas para serem dóceis e passivas, aceitando qualquer agressão ou injustiça proveniente dos homens. O imaginário sobre a mulher na SD5 é, portanto, moldado socialmente por discursos que refletem os preceitos patriarcais e machistas.

Em contraste, os homens desfrutavam e ainda desfrutam da liberdade de se comportarem de maneira informal, falando alto e apoiando os cotovelos na mesa, comportamentos que simbolizam a masculinidade tradicional. Por outro lado, as mulheres são ensinadas a seguir regras específicas de conduta, como “Feche as pernas. Sente-se direito. Não fale alto. Tire os cotovelos da mesa”, criando uma imagem e uma identidade de mulheres sofisticadas, cujos modos são destinados a agradar aos olhos dos homens para serem escolhidas como esposas.

No contexto machista, as mulheres que adotam uma postura considerada aberta, como manter as “pernas abertas”, são frequentemente rotuladas como “vadias”, implicando que estão convidando o homem para o ato sexual. Em casos de estupro, essa postura alimenta a perniciosa ideia de culpabilização da vítima, refletindo um ambiente

dominado pela masculinidade tóxica. Portanto, o significado atribuído à expressão “feche as pernas” na sequência discursiva sugere que a postura da mulher influencia os julgamentos alheios.

No que tange à aparência física da mulher, constantemente lhe é imposto um modelo a ser seguido, variando conforme as convenções da época. Evitar extremos de peso, nem muito magra nem muito gorda, é uma norma para se alinhar aos padrões predefinidos pela sociedade em relação à mulher ideal. As mulheres são instruídas a evitar o uso excessivo de maquiagem, uma vez que a ideologia patriarcal associa maquiagem pesada às prostitutas ou às mulheres que desafiam a autoridade masculina. Consequentemente, segundo os preceitos conservadores, a figura feminina deve dedicar-se à sua aparência, demonstrando certo cuidado pessoal e vaidade moderada, visando transmitir uma imagem de respeitabilidade e ser bem aceita pelo marido ou potencial parceiro.

As mulheres que se dedicavam demasiadamente à leitura eram rotuladas como perigosas e histéricas, pois através do conhecimento adquirido pela leitura, poderiam ganhar forças para desafiar o machismo arraigado na sociedade. A leitura era vista como uma ferramenta emancipadora, capaz de conduzir as mulheres para a liberdade, ao possibilitar o acesso a novos horizontes e ideias. No entanto, o acesso à leitura era restrito a assuntos considerados adequados para o universo feminino, como culinária, moda, costura e ensinamentos religiosos. O ato de ler despertava o desejo e a imaginação de um mundo distinto, proporcionando uma fuga do ambiente opressivo da realidade. Por isso, durante muito tempo, as mulheres eram instruídas com os significantes “Não leia muito. Não questione. Não fale tudo o que pensa”, visando preservar a dominação masculina e reforçar os papéis tradicionais de boa esposa e mãe.

Na SD5, são identificados os significantes “seja independente” e “pague as contas”, comuns em discursos feministas que visam desconstruir o machismo enraizado na sociedade. O feminismo propõe a independência da mulher para que ela não aceite a dominação masculina sobre sua vida, corpo e destino. No entanto, a sequência discursiva também inclui o dito “Não seja muito independente”, sugerindo a necessidade de equilíbrio e até mesmo uma certa dependência em relação à figura masculina.

Nas formações discursivas da SD5, observamos uma heterogeneidade significativa, uma vez que são apresentados significantes tanto da ideologia machista quanto da feminista simultaneamente. Constatamos que é enfatizado que as mulheres tendem a seguir o modelo conservador devido à pressão e ao temor da masculinidade tóxica. Nesse contexto, o sujeito adota uma postura de identificação com o discurso machista, contribuindo para a construção da identidade e do imaginário associados a essa perspectiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sequências discursivas analisadas foram registradas em 2016, e nelas se evidencia uma persistência na resistência ao imaginário do papel feminino nos moldes machista e patriarcal, apesar das conquistas alcançadas pelas mulheres na mídia e na sociedade.

Na SD1, observamos uma dualidade e heterogeneidade significativas. É possível constatar que o sujeito propõe uma síntese entre a ideologia machista e feminista, buscando um equilíbrio na identidade feminina ao incorporar características e comportamentos esperados do que é ser mulher segundo ambos os paradigmas ideológicos. Por outro lado, nas SD4 e SD5, identificamos a reprodução dos discursos machistas. Os sujeitos enunciadores dessas sequências discursivas afirmam seguir as expectativas culturais machistas e patriarcais em relação ao papel da mulher, embora sintam medo das violências que as mulheres enfrentam ao confrontar o machismo.

Analisando o *corpus*, é evidente a presença de identificação, contraidentificação e desidentificação da forma-sujeito com as ideologias feministas e machistas. A partir da análise das sequências discursivas selecionadas, destacamos a presença de três formas imaginárias de identificação do sujeito na mídia. A primeira formação imaginária é perceptível nas sequências discursivas em que o sujeito está inserido na ideologia do conservadorismo, retratando a mulher como “frágil, submissa e destinada ao lar”.

Na segunda formação imaginária, observamos o sujeito alinhado com as representações ideológicas do feminismo, apresentando a “nova mulher”, caracterizada por sua força, independência e ausência de conformidade com o papel tradicional de dona de casa. Por fim, na terceira formação imaginária, o sujeito mescla elementos das ideologias feminista e patriarcal, equilibrando características do que é ser mulher segundo ambas as ideologias. Portanto, nas sequências discursivas analisadas, há uma variedade de manifestações sobre o que é ser mulher, refletindo as complexidades e diversidades das visões ideológicas presentes na sociedade contemporânea.

Finalmente, ressaltamos a importância de conduzir outros estudos embasados na Análise do Discurso para desnaturalizar os sentidos atribuídos à figura da mulher na sociedade. Esses estudos visam questionar e combater o machismo e o patriarcado, buscando promover os direitos e a igualdade preconizados pelas lutas feministas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949-2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIROS, M. T.; SOARES, T. M. Z. Representação social em textos da mídia. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (orgs.). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CASTELLANO, J. Ser mulher é. **Revista Planeta**, [S. l.], n. 522, 2016. Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/ser-mulher/>.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.

INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

LIMA, J. R. de. O indivíduo na sociedade líquido-moderna e a identidade nacional. **Cadernos Zygmunt Bauman**, São Luís, v. 9, n. 19, p. 43-57, 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Tradução Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 1995 [1975].

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

RASSI, A. P. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da "Marcha das Vadias". **Revista de História da UEG**, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2012.

SOUZA, C. A. de. A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, Itajaí, v. 20, n. 1, p. 146-170, 2015.

TFOUNI, F. E. V.; GRIGOLETTO, E. Imaginário e identificação no discurso sobre Donald Trump: análise do funcionamento de capas das revistas Exame e IstoÉ. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 4815-4830, 2020.